

FALA MASCULINA X FALA FEMININA: PROCESSOS LINGÜÍSTICOS EM LÍNGUAS INDÍGENAS*

*SOUZA, Lilian Moreira Ayres de***

Introdução

É de grande importância e urgência trabalhos voltados para a documentação de línguas indígenas no Brasil e no mundo. Embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngüe, o Brasil é na verdade multilíngüe: nele são aprendidas como línguas maternas mais de 150 diferentes línguas. No estado do Pará, por exemplo, podem ser encontradas cerca de 25 idiomas nativos, o que corresponderia hoje quase ao total de línguas faladas por toda a Europa ocidental. A singularidade lingüística do Brasil está em que uma dessas línguas, o Português, é hoje extremamente majoritária e as demais são todas extremamente minoritárias (RODRIGUES, 1993). A lentidão com que tem se desenvolvido pesquisa científica das línguas indígenas do Brasil, por motivos diversos, faz com que a perda dessa diversidade não seja apenas quantitativa, mas também qualitativa. Muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de comunicar-se ficará perdido para sempre com cada língua indígena que deixa de ser falada. Assim, o estudo “de qualquer língua natural seria uma importante contribuição para o conhecimento dos universais lingüísticos [...], da natureza da linguagem [...] e, da cognição humana [...]” (RODRIGUES, 1993).

No Brasil ainda existem línguas sem descrições suficientes, línguas de tradição oral, povos isolados e as línguas em extinção, como é o caso do Ofayé no estado de Mato Grosso do Sul que hoje conta com não mais de nove falantes. Não se sabe exatamente a quantidade de línguas existentes, pois a escassez de estudos lingüísticos com as línguas indígenas brasileiras faz com que não haja uma coleta sistemática de dados nesse campo. Além disso, critérios para agrupar as línguas também divergem, então, surgem inquietações sobre ser uma língua realmente um idioma diferente ou apenas um dialeto. Contudo, 180 vem

* Texto elaborado a partir de estudos que visam à elaboração de uma Dissertação no Programa de Mestrado em Letras da UFMS/CPTL

** Mestranda em Letras pela UFMS/CPTL - lilianayres@gmail.com

sendo o número frequentemente utilizado para a quantidade total de línguas indígenas no Brasil.

Segundo Seki (2000) os povos tupis, que ocupavam a costa brasileira, foram os primeiros a serem contactados no Brasil e a língua falada por eles foi, durante os primeiros trezentos anos de colonização, a única estudada. A partir do século XIX começaram a surgir informações sobre outras línguas, não tupi, principalmente vindos de trabalhos realizados por missionários, estudiosos e viajantes europeus que ficavam em contato direto com os falantes nativos. Dentre brasileiros que são referência dessa época, destacam-se Couto de Magalhães, Capistrano de Abreu, Visconde de Taunay, e missionários como Val Floriana, A. Giaconi, Fidelis de Alviano, A. Kruse.

Os trabalhos desse período tampouco tinham como objetivo central a abordagem da língua, em si, mas estavam subordinados aos interesses de catequese, no caso dos missionários, ou aos interesses específicos de cada pesquisador, nos demais casos. Os estudos consistem, via de regra, de listas lexicais, sendo raras as tentativas de descrição de aspectos gramaticais, e as transcrições eram, com poucas exceções, precárias, impressionísticas. Ao mesmo tempo, nesse período foi dada atenção a outras línguas, que não o tupi, e os materiais produzidos permitiram análises comparativas que serviram de base para o trabalho de classificação inicial de nossas línguas e, muitas vezes, constituem a única informação existente sobre línguas hoje extintas. (SEKI, 2000)

Extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência, aculturação forçada e epidemias são fatores que fizeram com que no decorrer de 500 anos de colonização em torno de mil línguas indígenas brasileiras desaparecessem, muitas sem qualquer tipo de registro.

Fala masculina x fala feminina em línguas indígenas

Para Cunha (1975) “a língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes”. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Por poderem apresentar estruturas e propriedades ainda não observadas em outras regiões, as línguas indígenas despertam muito interesse lingüístico. Tipologicamente, as línguas indígenas brasileiras são bastante diversificadas, tanto no que diz respeito à organização dos sistemas de sons quanto à estrutura gramatical.

Mais do que apenas um enquadramento tipológico, o universo linguístico pode trazer consigo toda a representação cultural de um povo, podendo ser encontradas variações em meio às suas estruturas e funcionamento de acordo com contextos diversos. Também de acordo com Seki (2000)

[...] a língua se integra no indivíduo e fica sendo o meio permanente do seu contato com o mundo extralingüístico, com o universo cultural que o envolve, de tal sorte que se cria uma associação íntima entre o símbolo linguístico e aquilo que ele representa. Essa colocação, válida para qualquer língua estrangeira, aplica-se mais intensamente às línguas indígenas.

Pode-se encontrar variação de fala em diversos níveis linguísticos: morfológico, fonológico, sintático, lexical. Em algumas línguas indígenas encontra-se distinção da fala de acordo com o sexo do falante e, às vezes, também do ouvinte. O karajá, língua indígena brasileira do tronco linguístico macro-jê é um exemplo. Segundo Borges (1997), nessa língua os itens lexicais na fala das mulheres geralmente incluem segmentos (consoantes, sílabas) que não são encontrados na fala dos homens. Alguns empréstimos do português também apresentam tal variação, sofrendo adaptação fonológica. Exemplos:

<u>Fala Feminina</u>	<u>Fala Masculina</u>	
kuE	uE	‘capivara’
anõna	aõna	‘coisa’
hawoko	hawo	‘canoa’
kawaru	awaru	‘cavalo’
kabE	abE	‘café’

No kamaiurá, língua indígena brasileira (tupi-guarani), tanto o homem quanto a mulher utilizam diferentes partículas finais de sentença para indicar seu sexo, sendo a partícula **ka** para falante do sexo masculino e **ki** para falante do sexo feminino.

a-juka rape ka
1sg-matar Cauc Masc
‘acho melhor matá-lo’

a-juka rape ki
1sg-matar Cauc Fem

‘acho melhor matá-lo’

Línguas indígenas de várias e distintas regiões do mundo apresentam variação entre as falas masculina e feminina. Na língua Biloxi, por exemplo, falada no norte dos EUA, Haas (1964) mostra que formas imperativas dos verbos demonstram, tanto no singular quanto no plural, o sexo do ouvinte e do falante. Para ‘Carry it!’, tem-se:

	<u>SING</u>	<u>PL</u>
homem para homem:	ki-kanko’	ki-ta kanko’
homem ou mulher para mulher:	ki-tki’	ki-ta tki’
mulher para mulher:	ki-tate’	ki-tatute’

Na língua Chiquito, falada na Bolívia, Adam e Henry (1880) mostram a variação fonológica na estrutura silábica. A mulher suprime a consoante ou a vogal iniciais de certos termos, principalmente termos que designam alguns tipos de animais e árvores:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
ñoñeis	oñeis	‘homem’
opetas	petas	‘tartaruga’
upaixoonus	paixoonus	‘tipo de árvore’

Nessa mesma língua, verifica-se também variação no nível morfológico. Homens indicam estarem se referindo a alguém do sexo masculino mediante o sufixo –tii, enquanto que as mulheres não o utilizam:

yebotii ti n-ipoostii	‘Ele foi para a casa dele.’
yebotii ti n-ipoos	‘Ele foi para a casa dela.’
yebo ti n-ipoostii	‘Ela foi para a casa dele.’

Para todos os significados acima, a mulher diria apenas “yebo ti n-ipoos”, o que na fala masculina significaria ‘Ela foi para a casa dela.’

Cocáma, língua falada na fronteira da Colômbia com o estado do Amazonas, apresenta, segundo Balmori (1967), formas distintas para pronomes na fala masculina e feminina:

<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>	
yucá	yucun	‘esse’
ta	etse	‘eu, a mim’
uri	ai	‘ele, a ele’
tana	penu	‘nós, a nós’
rana	inu	‘eles, a eles’

Outras variações sociais, além da diferença entre as falas feminina e masculina, podem ser encontradas nas línguas, dentre elas podem se citadas a diferença de fala de acordo com a classes social, hierarquização, parentesco, etc. Por exemplo, em Thai, língua do Sul da Península Indo-Chinesa, Haas (1964) verificou a diferença quanto ao uso de pronomes, cuja escolha dependerá da(s) classe(s) social(is) do falante e do ouvinte, além do grau de intimidade e do parentesco existente entre eles.

No Brasil, uma língua indígena que apresenta tanto diferença de classe social quanto de acordo com o sexo do falante é o Kadiwéu, que será apresentado a seguir.

Diferenças sociais na língua Kadiwéu

Guerreiro, o povo Kadiwéu lutou pelo Brasil na Guerra do Paraguai, razão pela qual, como contam, tiveram suas terras reconhecidas. A reserva indígena Kadiwéu possui, em média, 538.000 hectares e fica localizada no município sul-mato-grossense de Porto Murtinho abrangendo as aldeias Alves de Barros, Barro Preto, Campina, São João e Tomázia. Os dados da FUNAI apontam como sendo, em 1999, de 1.041 o total da população Kadiwéu sob a jurisdição do Posto Indígena Bodoquena (que abrange as aldeias Bodoquena e Campina), sediado na aldeia de mesmo nome.

Os Kadiwéu, durante sua história, mantiveram relações com outros povos, como pode-se comprovar a partir de estudos feitos por Silva (2004) e também por sua (con)vivência na aldeia durante anos, inclusive como professor na escola indígena kadiwéu:

Os grupos que conviveram com os Kadiwéu na Reserva, ao longo do tempo, foram principalmente os Terena e os Kinikinau, além dos Guarani-Kaiowá e Ofaié, que tiveram

curta passagem pelas terras dos Kadiwéu entre as décadas de 1970 e 1980. Apesar do caráter das relações mantidas pelos Mbayá-Guaikuru com outros grupos étnicos — historicamente baseadas na dominação, convívio e troca de favores e obrigações — houve a incorporação de membros de inúmeras outras sociedades indígenas em meio aos Kadiwéu, notadamente os Xamacoco.

Apesar do constante contato com os brancos e da miscigenação com outros povos indígenas, os Kadiwéu conseguem ainda manter viva sua língua e também algumas tradições, como, por exemplo, a Festa da Moça. Apesar da grande maioria dos indígenas conhecerem e utilizarem o português, a presença de uma escola e de professores índios e não índios na aldeia maior (Bodoquena ou Alves de Barro) contribuem para que a língua nativa se mantenha viva, mesmo com todas as dificuldades. Grande parte dos que vivem na aldeia maior sabem também se comunicar “no idioma”, ou seja, na língua kadiwéu.

No que se refere à sua tipologia linguística, o kadiwéu é classificado como sendo uma língua polissintética e com uma morfologia bastante complexa, como pode ser observado a partir de dados de Sandalo (1995):

jotaGaneGetaGadomitiwaji.

j-otaGan-Gen:-t+Ga-dom-i+t-waji

1sg.SUBJ-speak-become-rel+2pl.CL-benefactive-pl-rel+pl

‘I talk to them for you.’

(Eu converso com eles para você)

id:owetGatGaloko.

j-d:-owe-d-Ga-t+Ga-loko

1pl.SUBJ-theme-take.care-atel-pl-rel+2sg.CL-adessive

‘We are taking care of you.’

(Nós estamos tomando conta de você)

Proveniente da família Guaikurú, o kadiwéu é a única língua remanescente dessa família no Brasil, a qual possui dois ramos (Ceria & Sandalo 1995): (a) o ramo Guaikurú, que inclui mbayá e seu descendente kadiwéu; e (b) o ramo Guaikurú do Sudeste, que compreende quatro outras línguas: toba, pilagá, mocoví e abipón. Dentre estes grupos Guaikurú, os Kadiwéu são os mais setentrionais e o único localizado a leste do rio Paraguai, no Brasil. Conhecidos como “índios cavaleiros”, por sua destreza na montaria, guardam em sua

mitologia, na arte e em seus rituais o modo de ser de uma sociedade hierarquizada entre senhores e cativos.

Métraux (1945) organiza os mbyá de acordo com as seguintes classes sociais:

- (a) Nobres e Chefes. Nobres são aqueles que recebem o status por sangue, e chefes são eleitos. Trata-se de uma sociedade matriarcal, isto é, a nobreza é transmitida através do sangue feminino.
- (b) Guerreiros. O objetivo das guerras era a expansão da área, bem como a captura de escravos.
- (c) Vassalos. De acordo com o autor, várias tribos vizinhas subjulgaram-se aos mbyá como resultado de guerra e de acordos de casamentos. De acordo com Sanchez Labrador (1770), este foi o caso dos Guanás, entre outros.
- (d) Escravos. Escravos são capturados de guerra e seus descendentes.

Contudo, de acordo com Silva (2004), “por falta de documentação sobre o tema, não estão claras as relações mantidas entre estes segmentos. Também não se pode afirmar até que ponto existiu, entre eles, uma relação hierárquica e compulsória na divisão social do trabalho e no sistema político”.

É comum encontrar variação linguística refletindo classes sociais em sociedades com uma organização política estratificada. Esse reflexo na língua pode ser encontrado no Kadiwéu, visto que é uma sociedade hierarquizada entre senhores e cativos. Além disso, essa língua apresenta muitas diferenças entre as falas masculinas e femininas. Entretanto, os estudos realizados sobre a língua kadiwéu ainda são insuficientes para que haja um conhecimento completo. Estudos linguísticos foram registrados, principalmente, por Sandalo (1995, 1997, 2008). Dentre outros pesquisadores da língua kadiwéu podemos citar Braggio e o casal de missionários Glyn e Cynthia Griffiths. Dentre seus trabalhos, Sandalo elaborou uma gramática descritiva da língua e observou a diversidade rítmica do kadiwéu, mostrando a existência de pelo menos três dialetos refletindo a estratificação social mbyá ainda presente entre os Kadiwéu.

Dentre seus trabalhos, a linguista descreveu a diversidade rítmica do kadiwéu, mostrando a existência de dialetos prosódicos que revelam a estratificação social presente entre esses índios. A pesquisadora mostra e descreve processos linguísticos dessa hierarquização entre nobres e não nobres, como, por exemplo, a reduplicação de vogal em

radicais com número ímpar de sílabas na fala das mulheres nobres, o que não ocorre na fala dos demais:

<u>Mulheres Nobres</u>	<u>Outros dialetos</u>	
-baaGadi	-baGadi	`pegar`
leeGodi	leGodi	`porque`
-gaa	-ga	`criança`
nooole	noole	`panela`

Além dessa diferença fonológica que leva em conta a estratificação social desse povo, existem também prováveis variações morfológicas, lexicais e sintáticas que ocorrem de acordo com o sexo do falante, ou seja, diferença entre as falas masculina e feminina. É sabido e de fácil observação que os Kadiwéu utilizam falas diferentes de acordo com seu sexo, porém, um levantamento e estudo linguístico sistemático de tais diferenças ainda estão sendo investigados.

Algumas hipóteses de variação da fala feminina e masculina em outros níveis linguísticos podem ser levantadas a partir de dados coletados em trabalho de campo¹, juntamente com os estudos feitos por Griffiths (1976), Sandalo (1995) e Braggio (1981).

As diferenças a seguir sugerem, à primeira vista, processos morfológicos, sintáticos ou fonológicos (diferentes da prosódia observada por Sandalo) ocorrendo na fala do homem e da mulher:

<u>Homem</u>	<u>Mulher</u>	
Ele Gocidi	Ele awii	`Boa tarde`
Gonelegiwo	aaginaGa	`homem`
nigegi	iGeegi	`brinco`
bitioni	biyone	`tamanduá`
akami noGopili	aami noGoili	`Você vai embora`

¹ As hipóteses aqui levantadas foram fruto de um primeiro trabalho de campo realizado em abril de 2010. Os dados ainda serão sistematicamente analisados e serão fonte para a elaboração da minha Dissertação de Mestrado.

As apostilas elaboradas, publicadas e utilizadas para alfabetização e neoalfabetização dos Kadiwéu, também trazem diferenças nas falas dos homens e das mulheres, como por exemplo:

<u>Homem</u>	meme datematika
<u>Mulher</u>	meme deematika `Vovó conta história`
<u>Homem</u>	naGada nopitena inebi
<u>Mulher</u>	naGada niitena inebi `Esta flecha é minha`

Observou-se também, por meio de trabalho de campo, variação ocorrendo levando em consideração não apenas o sexo do falante, mas também do ouvinte:

Homem para homem: banaGa adiwikodeni niwotagodi

Homem para mulher: banaGa adiwikodeni niwotagodo

Mulher para homem: banaGa adiwikodeni niwagodi

Mulher para mulher: banaGa adiwikodeni niwagodo

`Muito obrigado/a, senhor/a`

Durante a pesquisa de campo, colocando para os índios a proposta de trabalho sobre a língua kadiwéu, ao expor sobre estudos realizados que também verificam diferença de fala de acordo com o nível hierárquico, a primeira reação sempre foi de nítido incômodo e de negação de tal fato. Diziam que isso acontecia “muito antigamente” e que nos dias de hoje isso é “preconceito”. Poucos, mais tarde, confirmavam a ocorrência. Isso é mais uma prova da influência de uma cultura sobre a outra, o que acarreta perdas imensuráveis. É claro que a língua também é um objeto histórico, que evolui, se transforma, se modifica, se diversifica, acompanhando a evolução de um povo, porém, percebe-se entre os Kadiwéu que existe a consciência de que ainda está presente na sua língua algo que carregue a estratificação social entre eles. Contudo, o assunto não é de fácil abordagem, mesmo havendo o registro e a consciência dessa variação linguística.

Considerações finais

A cada trabalho realizado sobre língua indígena existe uma grande contribuição para toda a área da lingüística, podendo abrir novos caminhos para outras investigações e descobertas sobre a cognição humana.

Desde que se tenham algumas descrições de línguas, aparecerão espíritos curiosos bastante para dedicar-se a comparar essas descrições e daí tirar conclusões, classificando as línguas como relacionadas umas com as outras ou como pertencentes a tipos semelhantes num ou noutro particular, e para fazer deduções de ordem mais profunda, no âmbito da lingüística geral e no campo das questões antropológicas. Por outro lado, se é lícito falar em responsabilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os linguistas brasileiros têm aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana. (RODRIGUES, 1993)

Foi a partir dessa curiosidade e empatia lingüística que as minhas investigações sobre a variação social na língua kadiwéu tiveram início. Estudos dessa natureza propiciam um conhecimento vasto, que dialogam com outras áreas constantemente. Por esse motivo, um trabalho voltado para línguas indígenas, focando mais diretamente o kadiwéu, uma língua do Estado de Mato Grosso do Sul, tem uma relação direta com o tema “As muitas (in)dependências das Américas: dois séculos de História”.

Referências:

ADAM, L. HENRY, V. **Arte e Vocabulario de La Lengua Chiquita con algunos textos traducidos y explicados compuestos sobre manuscritos ineditos del XVIII siglo.** Bibliothèque Linguistique Américaine, Paris, t. 6. Maisonneuve & Cia Libreros, 1880.

BALMORI, C. H. **Estudios de Área Lingüística Indígena.** Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras, Bucca, 1967.

BORGES, M. V. **As falas feminina e masculina no Karajá.** 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

BRAGGIO, S. L. B. **Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu.** Campinas, Brazil: UNICAMP. M.A.thesis, 1981.

CERIA, V. & SANDALO, F. **Preliminary Reconstruction of Proto-Waikurúan with Special Reference to Pronominals and Demonstratives.** Anthropological Linguistics 37, 1995.

CUNHA, C. **Uma Política do Idioma.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

GRIFFITHS, G. **Numerals and demonstratives in Kadiwéu.** Arquivos de Anatomia e Antropologia I. 63-77. Rio de Janeiro, Brasil: Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, 1973.

GRIFFITHS, G. & Cynthia Griffiths. **Aspectos da língua Kadiwéu.** (Série Linguística 6) Brasília, Brazil: Summer Institute of Linguistics, 1976.

HAAS, M. **Men's and Women's Speech in Koasati.** In: HYMES, D. (Ed.) Language in Culture and Society. A Reader in Linguistics and Anthropology. New York: Harper & Row, 1964. 228-233pp.

MÉTRAUX, Alfred. **Ethnography of the Chaco.** In Handbook of South American Indians, vol. 1:197-310, ed. by J.H. Steward. Washington: Government Printing Office (bulletin 143, Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution). 1945.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.** Ciência e Cultura 95, 1993.

SANDALO, Filomena. **A Grammar of Kadiwéu.** PhD Dissertation. Department of Linguistics. University of Pittsburgh. 1995.

_____. **A grammar of Kadiwéu with special emphasis to the polysynthesis parameter.** MIT Occasional. Papers in Linguistics. n. 11, 1997.

SEKI, L. **Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI.** Impulso, Piracicaba: Unimep, v.12, 2000.

JOSÉ DA SILVA, G. **A construção física, social e simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história.** 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/ Campus de Dourados, Dourados, 2004.

_____. (Org.) ; SOUZA, J. L. de (Org.) ; SANTOS, K. de M. L. (Org.) ; GRAZIATO, V. P. P. (Org.) ; AZEVEDO, V. de S. (Org.) . **Dinatitalo okomaga gobagatedi: Construído pelas nossas próprias mãos - Livro de Alfabetização.** 2. ed. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2005. v. 1. 129 p.

_____. (Org.) ; SOUZA, J. L. de (Org.) ; SANTOS, K. de M. L. (Org.) ; GRAZIATO, V. P. P. (Org.) ; AZEVEDO, V. de S. (Org.) . **Dinatitalo okomaga gobagatedi: Construído pelas nossas próprias mãos - Livro de Neoalfabetização.** 2. ed. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2005. v. 1. 133 p.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kadiweu>

www.funai.org.br

